

12. OLHARES CRUZADOS SOBRE CULTURA E MISTURA SOCIAL EM BELO HORIZONTE E LILLE

os casos da Praça da Estação e
da Praça da Nouvelle Aventure

Flavio Carsalade

Diomira Faria

Frederico Marinho

Pauline Bosredon

Frédéric Dumont

Annick Durand-Delvigne

Abdelhafid Hammouche

Introdução

Propomos uma reflexão sobre a cultura e a mistura social a partir da comparação de duas praças: a Praça da Estação, em Belo Horizonte, Brasil, e a Praça da Nouvelle Aventure, conhecida como mercado de Wazemmes, em Lille, França. Essa reflexão foi possível graças ao trabalho realizado no âmbito do projeto franco-brasileiro “Richesses en partage” (2015-2018)

cofinanciado pela região Hauts-de-France e pelo estado de Minas Gerais (Brasil).

O espaço compartilhado (BONNY; BAUTÈS; GOUËSET, 2017), inseparável da diversidade social, pode gerar identidades coletivas e solidariedades. Às vezes, é também um espaço disputado, monopolizado, sujeito a conflitos por sua apropriação, marcado por desigualdades e dominação. De qualquer forma, o espaço é uma questão central nas relações sociais: está no cerne da luta por lugares (LUSSAULT, 2009), no cerne do direito à cidade. A análise proposta aqui é baseada nessa estrutura conceitual e questiona os usos e apropriações do espaço na Praça da Estação em Belo Horizonte e no mercado de Wazemmes em Lille, cada um dos quais é ou foi objeto de projetos de requalificação e de ação cultural implementada pelo Poder Público municipal. Nesses projetos, queremos analisar o papel da ação pública na mistura social (um ponto de partida? um projeto político?), bem como o espaço que deixa para outros atores (associações e coletivos, moradores, usuários).

A mistura comporta duas dimensões frequentemente vinculadas, uma dimensão espacial chamada mistura urbana ou funcional e uma dimensão social conhecida como mistura social. A mistura urbana refere-se ao agrupamento de uma diversidade de atividades sobre um território, incluindo atividades econômicas, transporte, diferentes tipos de moradias, equipamentos, além de serviços públicos e privados. Esse aspecto da mistura está particularmente presente no campo do urbanismo (LAUNAY, 2011). A diversidade social é uma noção mais instável, seu conteúdo varia de acordo com os atores e os contextos em que é empregada, é uma noção que inclui uma forte dimensão ideológica. Em geral, refere-se à “coabitação em um mesmo espaço residencial de categorias cujos recursos (econômicos, culturais e sociais) são desiguais ou diferentes”¹ (PINÇON, 1989 *apud* LAUNAY, 2010).

¹ As traduções de citação em língua estrangeira neste capítulo são nossas.

Vamos examinar também a relevância da noção de mistura na ação pública e sobre a ligação entre o projeto de mistura social e o projeto cultural. A mistura social é desejável? Para quem e para quê? Sua realização passa necessariamente por um processo cultural? Quem são os atores? Eles compartilham o mesmo projeto, eles têm as mesmas motivações?

Os dois estudos de caso parecem oferecer respostas contrastantes. No caso da Praça da Estação, em Belo Horizonte, o projeto municipal refere-se a um espaço público cujo compartilhamento e mistura social são a primeira vocação (uma esplanada projetada para encontros, uma estação) e objeto de reivindicações ruidosas (o movimento Praia da Estação e suas consequências (ver BOSREDON, 2014; BOSREDON; DUMAS, 2013)). O projeto inicial da Praça se preocupava antes com sua imagem e centralidade e menos com seu compartilhamento, o que acabou por gerar uma reação em busca de um processo mais participativo (ver BOSREDON; DUMAS, 2013).

No bairro do mercado de Wazemmes, o projeto municipal promove sistematicamente a mistura social e o compartilhamento (sem implementar uma abordagem verdadeiramente participativa): a mistura social é a principal missão do centro cultural Maison Folie, principal equipamento cultural do bairro, e esse tema também se reflete em toda a comunicação municipal sobre Wazemmes, celebrando a comunhão dos momentos de festa, a convivência coletiva num bairro que se assemelha a uma vila etc. O projeto resultou na mistura social almejada? A questão surge no nível do bairro de Wazemmes (ver BOSREDON *et al.*, 2020) e, mais ainda, na praça do mercado e seus arredores, um espaço público contrastado em seus usos, imperfeitamente compartilhado.

Na primeira parte, traçaremos um retrato das duas praças, traçando sua evolução histórica até suas transformações recentes, à luz da mistura social e do compartilhamento do espaço. A

segunda parte explicará como esses espaços, e mais amplamente seus bairros, são acionados por projetos – às vezes compartilhados, às vezes contestados. Analisaremos o jogo dos atores, suas motivações e interesses. Finalmente, decifrando a ação cultural pública e o papel das associações, uma terceira parte oferecerá uma reflexão sobre a relação entre cultura, mistura social e gentrificação.

Estado da arte antes dos projetos: o contexto das duas praças à luz da mistura social e do compartilhamento do espaço

Esta primeira parte pretende descrever o contexto das duas praças antes da criação dos projetos dedicados a transformá-los e propõe um inventário dos locais do ponto de vista do compartilhamento do espaço, principalmente pelos usos e sua temporalidade, e do ponto de vista da mistura social.

Praça da Estação em Belo Horizonte, um espaço de trocas e de circulação

A Praça da Estação desempenha um papel importante no plano urbano da cidade de Belo Horizonte, a nova capital do estado de Minas Gerais inaugurada em 1897. O plano positivista e higienista do engenheiro Aarão Reis, inspirado na Paris de Haussmann, propôs de fato a localização da praça como entrada principal da cidade, pois o trem era na época a opção mais moderna de mobilidade regional. A estação e sua esplanada eram, portanto, uma centralidade essencial de Belo Horizonte, todos os materiais utilizados para a construção da nova capital chegaram por via férrea. A cidade planejada então se desenvolveu a partir deste ponto nevrálgico (Figura 1).

Paradoxalmente, a década de 1980 marca a retomada das manifestações e movimentos populares na esplanada da Praça da Estação: são mobilizados o Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Minas Gerais (IAB-MG) e grupos de defesa do patrimônio cultural contra a implantação de uma estação metropolitana, um projeto proposto pela empresa de transporte metropolitano e pelo município que ameaçaria o conjunto arquitetônico da praça. Essas mobilizações levaram, em 1985, à definição de um perímetro de proteção ao redor da praça e às primeiras iniciativas públicas em favor do desenvolvimento cultural desse setor: por exemplo, podemos citar a inauguração do Centro Cultural da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), a multiplicação de eventos festivos organizados na esplanada ou o edital lançado pela prefeitura em 1995 para a elaboração de um projeto de revitalização urbana. O projeto selecionado reconstruiu os jardins removidos pela duplicação da avenida dos Andradas e fez a requalificação da esplanada, reaberta permanentemente e restaurada a sua qualidade de espaço público (Figura 2).



Figura 2 - Esplanada da Praça da Estação com o Museu de Artes e Ofícios à direita e a avenida dos Andradas à esquerda

Fonte: Fotografia de Pauline Bosredon, 2012.

A Praça da Estação permanece, até hoje, como um espaço de mistura social. Inicialmente no centro de um espaço dedicado ao transporte ferroviário de longa distância, viu sua vocação mudar nas décadas de 1950 e 1960, quando os trens da linha principal pararam de circular para ceder sua função ao metrô que circula na área metropolitana, e devido à multiplicação do transporte rodoviário, como já mencionado. Ela continua sendo o principal centro articulador do transporte público urbano, uma vez que integra a única linha de metrô e muitas linhas de ônibus municipais e metropolitanas. Devido ao papel central da praça no coração da mobilidade urbana, a concentração mais intensa de pessoas ocorre durante os horários de pico de ônibus e metrô. À noite, o tráfego de pedestres na praça é reduzido devido à diminuição ou interrupção das linhas de ônibus e metrô. A praça, pouco iluminada, fica vazia e o sentimento de insegurança aumenta para as pessoas que ali transitam.

A área da praça é composta por vários equipamentos culturais. O Museu de Artes e Ofícios, localizado em frente à esplanada, justificou a escolha da estação central como vitrine de suas coleções por sua acessibilidade para usuários do transporte público, principalmente o metrô. Pesquisas mostram, no entanto, que apenas 25% dos pesquisados na esplanada visitaram o museu pelo menos uma vez na vida e que, na maioria das vezes, não correspondem ao perfil socioeconômico dos usuários do metrô. Podemos aqui confirmar a intuição de um forte contraste entre os usuários do transporte público e os do museu, mais instruídos. Os jardins da praça são ocupados principalmente por pessoas que vivem na rua, o que inibe o uso desses espaços por outras pessoas, embora o local seja ocasionalmente apropriado por diferentes grupos sociais, principalmente nos bares e metrô, onde observamos uma certa mistura social e de gênero. Os bares são frequentados todos os dias, à noite e nos finais de semana.

O bairro também é frequentado por grupos populares que se reúnem para encontros de hip-hop, sob o viaduto Santa Tereza, sexta-feira à noite.

Há uma grande diversidade de pessoas que frequentam a Praça da Estação: o público dos museus e dos centros culturais, maioria de classe média alta e classe alta, os participantes de eventos de cultura popular como o hip-hop e o grafite, os moradores de classe média que vivem no entorno da praça, as “pessoas em situação de rua”, os usuários do transporte público pertencentes à classe popular, e os pequenos comerciantes tradicionalmente presentes no bairro (vendedores ambulantes e lojistas dos inúmeros bares da rua Aarão Reis).

Essa diversidade de usos do espaço explica por que o local é frequentado e atravessado por uma grande heterogeneidade de pessoas e cria inevitavelmente conflitos relativos, por exemplo, à presença dos sem-teto ou ao incômodo com o barulho relacionado às manifestações culturais. Recentemente, o local desempenhou um papel fundamental na retomada dos movimentos populares pela apropriação de espaços públicos em Belo Horizonte, em resistência a um decreto municipal emitido em dezembro de 2009 que proibia qualquer evento público na praça.

Diversidade e mistura social na praça do mercado de Wazemmes antes da “virada cultural” dos anos de 1990-2000

A Praça da Nouvelle Aventure, conhecida como praça do mercado de Wazemmes, está localizada no coração de um bairro popular e central de Lille (Figura 3). Região periférica anexada a Lille em 1858, Wazemmes tornou-se gradualmente ao longo do século XIX e até a década de 1950 um bairro monofuncional

voltado para a indústria têxtil (fábricas de algodão e linho,² tece-lagens, unidades de venda de tecidos). Durante o século e meio dessa intensa atividade industrial, o fluxo de trabalhadores se concentra no bairro de Wazemmes – do qual a Praça da Nouvelle Aventure é o coração – e no bairro vizinho de Moulins, que atrai cada vez mais os operários da vizinha Bélgica. O bairro de Wazemmes vive, portanto, durante esse período, o ritmo das fábricas cuja atividade envolve o fluxo de chegada e saída dos trabalhadores, e a Praça da Nouvelle Aventure, na qual o mercado coberto foi construído em 1869, constitui um espaço muito frequentado em certos momentos do dia, por uma população predominantemente trabalhadora, diversa do ponto de vista de gênero, idade e nacionalidade (franceses, belgas, italianos e depois magrebinos), moradores da vizinhança ou de fora. Em Wazemmes e no bairro de Moulins, a industrialização intensiva, forte imigração local e condições de vida muito difíceis dão origem a movimentos políticos, cooperativos, de protesto e solidariedade. Assim, a cooperativa Union de Lille,³ criada em 1892 em Moulins, foi projetada para ajudar os trabalhadores através da distribuição de produtos básicos. Esse “ponto central da organização dos trabalhadores” (BRIZON; POISSON, 1913) de Lille também foi a sede da seção do Partido dos Trabalhadores Franceses. Este intenso movimento de cooperação viu o nascimento do socialismo de Lille, que se tornará poderoso depois.

² Enquanto o algodão e o linho eram produzidos especialmente em Lille, a produção e seu armazenamento se transferiram ao longo do século XIX para as fábricas de Roubaix e Tourcoing (COLLECTIF DEGEYTER, 2017).

³ Ela abrigava, em torno de 3 mil metros quadrados, uma cooperativa de trabalhadores, que contava com 4 mil famílias em 1900, mas também um teatro de 2 mil lugares, uma padaria, uma gráfica, uma mercearia, um armarinho, uma academia.

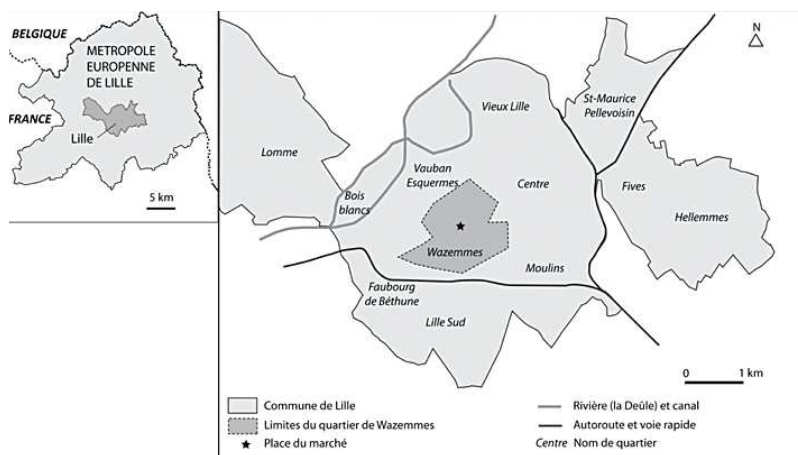


Figura 3 - Localização da praça do mercado Wazemmes em Lille
 Mapa de Pauline Bosredon, 2019.

Numa segunda etapa, a partir do final da década de 1950, o bairro foi atingido pela crise da desindustrialização, cujas consequências econômicas, sociais e urbanas ainda são significativas hoje. Na paisagem urbana do mercado e em sua vizinhança imediata, ainda existem muitos vestígios da era industrial, como as chaminés das fábricas, os complexos residenciais de pequenas casas agrupadas nos dois lados de um beco sem saída, numerosos na rua Jule Guesde, ou na antiga fábrica de linho Leclerc.

Wazemmes se torna, pouco a pouco, um bairro de serviços e de estudantes (COLLECTIF DEGEYTER, 2017, p. 57), que tomam o lugar dos trabalhadores nas pequenas habitações, as quais até hoje nem todas foram reformadas. Uma nova forma de diversidade surge no bairro e, particularmente, nos locais de sociabilidade que revestem a praça do mercado (bares, casas de show etc.), representativos das práticas de consumo específicas dos alunos, especialmente festivais, com sua temporalidade específica. Entre esses estudantes que frequentam regularmente o mercado de Wazemmes estão os da faculdade de direito que se

estabelecera em 1995 na antiga fábrica de Leblan em Moulines. A vontade política era então torná-lo uma ferramenta de revitalização urbana, consolidar a diversificação do tecido urbano e continuar a revitalização do bairro, Moulines é o segundo bairro de Lille mais vulnerável depois de Lille-Sud (DEVROE, 2000).

As interações e atividades são fortemente marcadas pelo mercado, que funciona três vezes na semana e onde se concentra uma população diversificada. O mercado no domingo, o mais popular, tem o maior fluxo de clientes – jovens e abastados – e *flâneurs*, passantes e transeuntes – especialmente no mercado coberto e nos inúmeros terraços de bares, restaurantes e cafés situados no entorno da praça. O mercado das terças e quintas-feiras é mais doméstico, pois é frequentado principalmente pela vizinhança. A observação possibilita localizar múltiplas presenças, mulheres, homens, idades diferentes, diversos idiomas e vestimentas de várias culturas.

Espaços propícios à mistura social?

Esses dois espaços são inicialmente propícios à diversidade por sua localização geográfica. Eles são de fato espaços centrais na escala da aglomeração, pericentrais na escala da cidade e são espaços intermediários.

O intermediário é [...] principalmente uma questão de lugar, possivelmente de conexão. [...] Localizados, por definição, entre pelo menos dois espaços considerados como “extremos”, os espaços intermediários seriam espaços marcados por hibridação e mistura (MERLE, 2011, p. 89-92).

A construção desses espaços [intermediários] é complexa, feita de competições e emaranhados. Às vezes clivados, às vezes misturados, são ao mesmo tempo lugares de tensão e passagem, compartilhados e “mediais” – são intermediários. As diferenças de potencial também

induzem fluxos (passagem, circulação, trocas), que participam da hibridação de espaços intermediários (BOULINEAU; COUDROY DE LILLE, 2009 *apud* MERLE, 2011, p. 92).

A Praça da Nouvelle Aventure está situada entre a região popular de Lille, marcada pelos conjuntos habitacionais populares no sul de Wazemmes e do bairro Lille-Sud, e o centro burguês, sendo que a Praça République está a apenas 700 metros ao norte. A praça do mercado, no centro do bairro de Wazemmes, marca assim uma fronteira social que podemos ler tanto como uma descontinuidade quanto como um espaço de contato.

Em Belo Horizonte, a Praça da Estação também é um espaço intermediário entre a cidade planejada, que hoje é o coração histórico da cidade, e os bairros suburbanos da Floresta e Santa Teresa, originalmente projetados como bairros periféricos. A localização da Praça da Estação, uma entrada da cidade e uma zona de contato entre o interior e o exterior, revela, desde o início da cidade, a forma segregacionista da distribuição espacial da população na nova capital. Residir dentro da avenida do Contorno, que delimita a área planejada, é inviável para a classe popular, que tem que se instalar na área suburbana, e não na área urbana, que possui melhor infraestrutura (GUIMARÃES, 1991).

Esses espaços são, portanto, lugares economicamente mais acessíveis do que as partes centrais, o que também promove a diversidade social. O preço da terra e o custo do aluguel privado são mais baixos do que no centro: a região da Praça da Estação é ocupada residualmente pela função residencial, já Wazemmes é marcada principalmente pelos quartos para os estudantes universitários, as casas antigas operárias e os conjuntos habitacionais populares. Desde a crise têxtil que atingiu Wazemmes e mais amplamente Lille, o bairro é objeto de políticas municipais de habitação. Em 1971, Pierre Mauroy, então prefeito de Lille, fez uma dura constatação: “Wazemmes [...] onde reinou a tristeza

mais insustentável; havia, no balcão dos cafés, cofrinhos onde as pessoas colocavam moedas para os velhos ou para as crianças irem ao mar” (WENZ-DUMAS, 1998).

Uma primeira reforma urbana, iniciada na década de 1970, deixou vestígios, incluindo um grande parque social, mais distante do centro da cidade. A retirada das classes populares da parte pericentral do bairro iniciou-se, em meados da década de 1980, com as políticas de revitalização das residências antigas e com a especialização do mercado imobiliário privado na habitação estudantil. (COLLECTIF DEGEYTER, 2017, p. 57).

A consequência dos preços acessíveis do bairro foi que, em Wazemmes, na área da Praça da Nouvelle Aventure vivem principalmente grupos populacionais em transição (jovens adultos em transição familiar e social, migrantes em transição geográfica etc.).

O bairro de Wazemmes, especialmente na parte norte, tornou-se nas últimas décadas um dos principais bairros estudantis de Lille, a proporção de jovens em idade de estudo (18 a 24 anos) é de 45%, muito superior a Lille (22%), que é uma cidade jovem entre as cidades francesas. Podemos supor que se trata, de maneira mais ampla, de um tipo de “espaço de transição para jovens adultos que concluíram o ensino superior e estão adiando o momento dos compromissos familiares” (VAN CRIEKINGEN, 2008, p. 156).

No entanto, a copresença residencial não significa necessariamente a diversidade social, como demonstraram os trabalhos de Chamboredon e Lemaire (1970) sobre proximidade espacial e distância social. Também é necessário diferenciar a mistura social da simples “interação” das populações que coabitam no mesmo espaço. Aqui a mistura social se apresenta “mais como um atrito de populações e mobilidades diferenciadas, como o produto social de um jogo complexo no qual sedentários e

móveis estão lado a lado” (LÉVY, 2002 *apud* GIROUD, 2015). Como vimos acima, no caso dos dois lugares a mistura social não é permanente; essa temporalidade é acentuada em Wazemmes pela rotatividade dos alunos que vêm para se estabelecer e partir após um ciclo de estudos.

A representação dos conjuntos habitacionais populares (HLM) é relativamente baixa em Wazemmes, com 14% em 2015 contra 21% em Lille. Em relação à parcela da população que reside na HLM, atinge 26% em Lille e 18% em Wazemmes, com grandes disparidades no bairro: 45% na área de Sarrazin, 3% na área da estação e do mercado. Essa pequena parcela da habitação social pública está relacionada à especificidade da moradia de aluguel privado, sendo o centro de Wazemmes composto por moradias que sofreram uma divisão significativa de moradias, sob o peso da pressão imobiliária gerada pela forte presença dos estudantes. As unidades de um e dois quartos são numerosas, representando 56% das habitações em Wazemmes, em comparação com 41% em Lille e 62% na área metropolitana. Lá, a rotatividade é mais importante, 40% das famílias se mudaram para lá por menos de dois anos em 2015, contra apenas 26% em Lille.

Podemos, portanto, falar de misturas históricas para evocar a frequência dos dois espaços que constituem os estudos de caso aqui apresentados. Os projetos de mistura social que se desenvolvem posteriormente são baseados nessas raízes históricas: a mistura social não ocorre de forma integral e a interação inicial serve nos dois casos como um projeto e seu compartilhamento.

Os projetos e seus atores

Os projetos executados pelos atores públicos para facilitar ou limitar a mistura social são de duas ordens: do planejamento espacial e das políticas culturais. Por um lado, são realizadas ações para reabilitar edifícios para novos usos ou requalificar os

espaços públicos, principalmente através da instalação de novo mobiliário ou equipamentos urbanos (por exemplo, bancos, iluminação e câmeras de vigilância). Por outro lado, são realizadas ações culturais para multiplicar as atividades, ocupar o tempo e o espaço, criar a presença e tentar reduzir a insegurança associada aos espaços de pouco tráfego à noite.

Os bairros da Praça da Estação de Belo Horizonte e da praça do mercado de Wazemmes são projetos concebidos pelo Poder Público, visando afirmá-los ou reforçá-los como centralidade cultural. Em ambos os casos, observamos que os atores públicos se aproveitam da diversidade de usos e pessoas já existentes que frequentam os dois espaços para implementar projetos de desenvolvimento que atendam aos interesses do setor privado, principalmente por meio da valorização imobiliária dos dois bairros.

Para se beneficiar, duas alternativas estão disponíveis para os atores privados: fazer tábula rasa do cenário urbano preexistente (antigo, baixo e frequentemente degradado) e verticalizar os projetos de reconstrução imobiliária (geralmente é a opção escolhida nas cidades brasileiras, especialmente nos bairros mais centrais e/ou reservados para as classes abastadas); ou explorá-los, promovendo a identidade e a cultura específicas dos bairros antigos, sua paisagem urbana preservada, o patrimônio que os distingue. Um projeto de valorização fundiária e desenvolvimento imobiliário também pode encontrar seu lugar, mas operaria de maneira diferente se relacionada a uma cultura e memória popular, historicamente ancorada. É isso que caracteriza nossas duas praças e seus respectivos bairros: ambos são espaços intermediários entre o centro burguês e monumental e os bairros pobres periféricos, ambos são espaços em mudança. São eles espaços em transição, prontos para integrar o centro por absorção progressiva? São espaços em conflito, divididos entre uma luta pela manutenção da cultura popular e/ou alternativa aos ataques à especulação imobiliária?

Para responder a essas perguntas, nesta segunda parte, apresentaremos a motivação dos atores envolvidos nos projetos de mistura social, depois a cronologia das demandas e projetos populares que colocam em movimento os dois espaços.

Por que a mistura social? A motivação dos atores

Os atores e os interesses de criar ou promover a mistura social em um bairro são variados e o espaço é conflituoso: os interesses podem parecer convergentes, mas às vezes os objetivos revelados pelo projeto divergem. De uma maneira geral, a mistura social permite a valorização do bairro, criando riqueza econômica, territorial, comercial, mas também cultural e simbólica. Contribui para a urbanidade, definida como uma combinação de densidade e diversidade social em um determinado local (LÉVY, 2018).

Contudo, quanto maior a urbanidade de um espaço ou bairro, maior a capacidade de seus habitantes de acessar bens e serviços, formas de capital (econômico, social, cultural ou simbólico). De acordo com a teoria da diferença de renda (SMITH, 1979), é a perspectiva de se beneficiar dessa vantagem da localização e, portanto, de uma mais-valia econômica (aquisição de baixo custo, reforma do prédio e “melhoria” do bairro, revenda lucrativa), que leva os estratos da classe média a investir em bairros antigos negligenciados e faz com que todo o processo de gentrificação aconteça. A acessibilidade, a diversidade e o aumento da urbanidade também permitirão ou incentivarão a criação social e cultural, a singularidade e a originalidade que formam a base de um aluguel monopolista particularmente procurado pelos investidores (HARVEY, 2008, 2015) e aparece “quando os atores sociais conseguem aumentar sua renda por um longo período porque têm controle exclusivo sobre um artigo que é direta ou indiretamente explorável e que deve ser único e não reproduzível” (HARVEY, 2008, p. 25).

Além disso, do canto da sereia à mistura social, há uma crença na ideia mágica de que é possível, atuando na localização, transformar os costumes das populações e aumentar sua adesão à ordem política e social dominante, uma “crença nos efeitos sociais das configurações espaciais” (DESAGE; MOREL JOURNAL; SALA PALA, 2011, p. 22-26). O poder municipal privilegia, assim, essa mistura, essa diversidade social, étnica, geracional ou cultural que, ao promover a criação cultural, provocaria um enriquecimento econômico, mantendo uma paz social politicamente rentável. É isso que sustenta o discurso político de Martine Aubry, prefeita de Lille, que constantemente elogia os benefícios da coeducação, especialmente no bairro de Wazemmes:

Lille é uma cidade mista, com pessoas de todas as culturas, idades e categorias sociais. Para mim, é isso, uma cidade: um lugar onde todos vivem bem juntos. [...] A cidade é uma mistura de todas as funções (trabalho, lazer, cultura...) e uma mistura de todas as categorias sociais. Lille se presta a essa mistura? Sim, antes de tudo, graças ao povo do Norte, sempre acolhedor e aberto ao mundo. Nossa cidade é hoje um reflexo dessa diversidade. Este é um dos nossos pontos fortes (AUBRY, 2011).

Cada bairro é tipificado; Fives se tornou o símbolo do passado industrial de Lille, a Velha Lille é a resistência à padronização através das ideias defendidas pela associação “Renascimento de Lille-Antiga”, Wazemmes o símbolo do sucesso da mistura social. Este é o imaginário difundido: “Wazemmes é uma vila no coração da cidade; tem o espírito de uma vila com sua praça, sua igreja, seu mercado. É assim que a vida deve ser concebida em nossas cidades” (Martine Aubry, reunião pública em Wazemmes) (ETHUIN; NONJON, 2005, p. 176).

Passamos assim da observação da diversidade e de seus benefícios para projetos de mistura social planejados pelo município, pelo menos em Lille, porque em Belo Horizonte não há intenções claras de planejamento nesse sentido.

Se questionarmos o lugar da cultura nessa busca pela diversidade e os objetivos dos projetos culturais municipais, devemos distinguir diferentes estágios. Ao processo de criação, pode-se conceber que existem formas culturais que não se destinam a ser misturadas, a ser compartilhadas. Sua força original pode ser devida ao confinamento em um grupo que é artisticamente nutrido por uma certa homogeneidade, de uma mesma visão da arte. Nesta fase criativa, as autoridades públicas podem acolher artistas e, assim, contribuir para o surgimento de espaços de criação cultural: é isso que eles fizeram instalando a Maison Folie de Wazemmes em 2004 (centro de criação e difusão artística) em uma antiga fábrica, espelhando-se em iniciativas anteriores e não institucionais (por exemplo, o 49 Ter, um dos primeiros espaços culturais de Lille, localizado na periferia dos bairros de Wazemmes e Moulins, criado em 1986, ou o coletivo vizinho de Malterie, estabelecido em 1995: ver BOSREDON; GRÉGORIS, 2012).

A fase seguinte, que é a da difusão de produções artísticas e mistura potencial, pode ocupar os mesmos lugares, mas em momentos diferentes, de acordo com outra temporalidade. A captura da fase selvagem, crua, criativa, fechada em espaços arranjados para ela, depois a exposição, o convite e a abertura dão uma cor artística ao bairro e contribuem para sua gentrificação. Esse fenômeno, do qual não podemos duvidar de que seja um efeito esperado, se não procurado, pelo Poder Público nos bairros populares, já foi observado e analisado (como em Paris: CLERVAL; FLEURY, 2009; FLEURY; GOUTAILLER, 2014).

Sobre a Praça da Estação: do espaço compartilhado ao projeto negociado

Os diferentes planos diretores do município de Belo Horizonte, de 1975 ao mais recente em 1996 (revisado em 2010), reforçaram a dupla centralidade da Praça da Estação: centralidade

para o transporte urbano e nova centralidade cultural que vem articular-se com as centralidades mais estabelecidas da cidade planejada. A estratégia do município de Belo Horizonte é de fato tornar o bairro da Praça da Estação um local de patrimônio cultural e de lazer da capital mineira. Para isso, conta com o Plano de Reabilitação do hipercentro de Belo Horizonte, que em 2007 qualifica o setor como “bairro cultural e patrimonial”. O projeto da prefeitura é transformar a face deste bairro antigo, de modo que incorpore sua história e sua modernidade ao receber artistas contemporâneos e instalações culturais. A implementação dessa estratégia teve início em 1988, com a patrimonialização da esplanada da Praça da Estação e continuou com sua requalificação, concluída em 2004. Seguiu-se a instalação de atividades culturais em vários prédios tombados ou galpões industriais e ferroviários abandonados próximos da praça. Uma das primeiras instalações abertas, no início de 2006, é o Museu de Artes e Ofícios (MAO), instalado no interior do edifício histórico da Estação Central, em parceria com o Instituto Cultural Flávio Gutierrez, fundação privada que possui uma grande coleção de objetos pertencentes à história das artes e ofícios brasileiros. Além do museu, destacam-se outros equipamentos culturais, como a Funarte (Fundação Nacional de Artes), que abriga exposições de arte contemporânea e artistas residentes, o espaço CentoeQuatro, uma estrutura privada instalada desde 2009 na antiga fábrica 104 Tecidos e apoiada pelo município, ou o Centro Cultural da UFMG.

A transformação da região central estava, portanto, em andamento quando Márcio Lacerda, então prefeito de Belo Horizonte, decide, em dezembro de 2009, proibir por decreto a organização de eventos de todos os tipos na Praça da Estação. Foram as práticas então existentes na esplanada que indispu- seram as autoridades municipais cujo interesse coadunava com o da Fundação Gutierrez, dona da coleção e gestora do Museu

de Artes e Ofícios. Como a prefeitura, esta fundação não quer perto do museu a renovação da praça, os movimentos sociais e populares, shows musicais, teatro de rua, manifestações políticas ou assembleias evangélicas. Embora a temática do MAO seja definitivamente popular, uma vez que trata de um grande acervo de diferentes tipos de artesanato, este último não atrai espontaneamente o público que atravessa a Praça da Estação e se sente ameaçado pelo uso excessivo da esplanada. Foi essa preocupação que levou o prefeito a proibir o uso do local para eventos. Essa forma de gestão pública do território, apoiada pelo MAO, limita as possibilidades de mistura social e vai contra a integração do patrimônio no cotidiano da população. Para implementar sua função formativa, educacional e referencial, o patrimônio deve de fato ser acessível e apropriado com intensidade.

O decreto provoca a indignação de grupos da cidade que organizam um primeiro evento em 7 de janeiro de 2010. Muitos se seguem e todos os sábados por quase um ano, o movimento transforma o local em uma praia no centro da cidade, um espaço simbólico com muitas pautas: a praia é provavelmente o espaço onde encontramos mais diversidade social, o espaço público por excelência; é também um espaço que falta em Belo Horizonte, uma rara metrópole brasileira do interior e desprovida de costa. O movimento é apelidado de Praia da Estação e reúne cada vez mais pessoas em uma multidão heterogênea de “nadadores” que se encontram na praia com seus instrumentos musicais e slogans. A Praça é a nossa Praia, a praça é a nossa praia: é de fato a demanda por todo o direito à ocupação do espaço público e ao direito de acesso ao patrimônio comum que é a agenda do movimento Praia (BOSREDON, 2014; BOSREDON; DUMAS, 2013). Além do evento festivo, o primeiro folheto também convida os participantes a um debate sobre a “revitalização por decreto”: acompanhando

o desafio da privatização de espaços, desde o início, portanto, também a reivindicação de uma participação dos cidadãos nos projetos urbanos que dizem respeito a todos. Essas demandas são atendidas por ativistas de classe social abastada (ou pelo menos com um forte capital cultural): são jovens universitários, intelectuais, militantes, artistas, que se veem como os representantes de todos aqueles que frequentam o bairro, incluindo a população em situação de rua.

A Praia da Estação tornou-se gradualmente um tipo de tribuna para várias reivindicações, cujas causas foram às vezes unidas (por exemplo, a do grupo de pichadores Piores de Belo, presos por vários meses em 2011). “A questão do decreto tornou-se um símbolo e ofereceu a oportunidade de falar sobre todos os problemas urbanos de Belo Horizonte” (entrevista com Rafael Barros, personagem carismático e midiático da Praia, fevereiro de 2012). O movimento também está na origem do renascimento do carnaval em Belo Horizonte: o carnaval existia desde a fundação da cidade, mas ficou consideravelmente sem fôlego, vários blocos surgiram espontaneamente do movimento em 2010. Seu número tem aumentado desde então. Debate e protesto políticos são os combustíveis desses blocos que, para muitos, defendem o direito à cidade e a inclusão de minorias na vida urbana. Di Souza, líder do bloco Então Brilha, que começou a desfilar pelas ruas de Belo Horizonte em 2011, pondera:

As pessoas ocuparam as ruas, mas sempre há uma dúvida sobre quem está nas ruas. Porque o carnaval é organizado principalmente pela classe média. É por isso que hoje devemos nos perguntar outras coisas: como “enegrecer” os blocos, como trazer a periferia pra festa, dar a palavra às minorias (DI SOUZA *apud* RODRIGUES, 2017).

Na praça do mercado Wazemmes: mistura social através da cultura, um projeto político

O bairro da praça do mercado tem sido uma área privilegiada para a ação cultural em Lille, que, com o tempo, foi uma combinação do que é considerado uma cultura popular em continuidade com um passado industrial hoje parcialmente valorizado e de intervenções mais ou menos diretamente relacionadas à arte contemporânea. Assim, o centro cultural Maison Folie de Wazemmes é inaugurado em uma antiga fábrica têxtil em 2004, ano em que Lille foi eleita Capital Europeia da Cultura, enquanto os *lofts*, as reformas e revitalizações das moradias antigas se multiplicaram. E as mudanças morfológicas são duplicadas pelo reforço da oferta cultural e pela promoção do “festivo” pelos festivais populares realizados e apoiados institucionalmente. O projeto da cidade de Lille para o espaço cultural de Wazemmes, articulado em torno da Praça da Nouvelle Aventure, é, portanto, ao mesmo tempo voltado para:

- a valorização do patrimônio industrial, através da promoção da arte contemporânea (MF Wazemmes);
- a promoção da mistura social, da integração de populações e de uma vida social particularmente dinâmica (real ou fantasiosa), o que pode questionar a realidade dessa pretensa mistura sobre os efeitos dos projetos municipais em relação à diversidade;
- e a valorização da festa como cultura popular de um antigo bairro da classe trabalhadora.

Em Wazemmes, a ação cultural municipal consistiu essencialmente na criação da Maison Folie (Figura 4), cuja programação é voltada para a cultura popular, grandes festivais (Wazemmes ao Acordeão) e shows ou workshops sobre questões sociais como comunidades, alteridade, lugar das mulheres na cidade

e as discriminações.⁴ A cena local também tem seu lugar, bem como eventos voltados voluntariamente para os jovens do bairro (através do Festival Hip Open Dance, por exemplo, em torno da dança hip-hop).



Figura 4 - A Maison Folie de Wazemmes (2019)

Fonte: Fotografia de Pauline Bosredon.

Em 2004, o projeto Maison Folie foi um forte gesto que visava celebrar a história industrial quanto à criação e renovação contemporânea (BOSREDON; GRAVEREAU; GRÉGORIS, 2016). Ela também foi concebida como um local de circulação e cruzamento, daí a criação de uma nova rua: a mistura dos públicos e das populações são parte do projeto (SERGENT, 2010).

Em Wazemmes, Martine Aubry especifica o projeto de conversão da fábrica da Leclerc em “Maison Folies”, uma oportunidade de apresentar esse conceito, que ela deseja deixar uma marca forte de seu mandato

⁴ Cf. Entrevista com Aline Lyoen, responsável pela ação cultural na Maison Folie, junho de 2016 (entrevista não publicada, feita pela equipe durante a pesquisa BH-Lille).

durante o qual Lille foi declarada Capital Europeia da Cultura em 2004. Nas reuniões, ela apresentou longamente a política cultural descentralizada que pretendia promover em torno de equipamentos culturais e festivais em cada bairro. Ela apresenta essas “Maison Folies” como uma chance de se reconectar com a antiga sociabilidade e reduzir a segregação dos bairros populares: “Pessoas de toda a cidade, mas também de toda a região e até de outros lugares virão aqui” (Martine Aubry, reunião pública, 2001) (ETHUIN; NONJON, 2005, p. 181).

Mas a redução da segregação e a mistura social continuam sendo um objetivo difícil de alcançar: se as ações na praça do mercado, da rua Sarrazins e da Praça Casquette (onde fica a Maison Folie) são garantidas à noite nos eventos, o equipamento permanece percebido por muitos habitantes jovens e idosos do bairro como um local que não se destina a eles (mas aos jovens dos bairros privilegiados).

Os efeitos da ação cultural pública sobre a mistura social

Uma cultura bem organizada e institucionalizada, levando a uma certa padronização cultural, uma estrutura urbana que “embelezou”: para alcançar esse resultado, era necessário promover a mistura social, esse era o primeiro passo. Hoje começa a segunda etapa, a da gentrificação: uma gentrificação residencial em Wazemmes (na área da praça do mercado), uma “gentrificação de práticas” (via requalificação e higienização de espaços públicos) na Praça da Estação em Belo Horizonte. De fato, em nossos bairros, a diversidade corresponde a diferentes formas temporais, da temporalidade de uso e presença a temporalidades residenciais mais longas. Essas formas em evolução podem ser articuladas, se complementam, se alimentam. Eles resultam em parte do uso de ambos os espaços por não residentes (no

mercado, em festivais, em festas e passeios). Mas alguns, mais sensíveis às atrações do setor, às vezes acabam se estabelecendo ali, o que leva gradualmente à sua gentrificação. Desse ponto de vista, a praça do mercado em Wazemmes e a Praça da Estação em Belo Horizonte, onde a função residencial é muito menor, não apresentam as mesmas formas.

Praça da Estação: recuperação e institucionalização da contestação

Com a contestação do decreto de Lacerda, nasceu um espaço público de reivindicações (ver BOSREDON; DUMAS, 2013), um espaço de compartilhamento e discussão cujo objetivo era inicialmente criar uma coesão ampla. Em seguida, houve confrontos e, depois, uma posição da prefeitura de compartilhar o projeto por meio de um processo participativo: foram organizadas várias reuniões públicas, que resultaram na criação do “Comitê de Acompanhamento dos Corredores Culturais da Praça da Estação” em março de 2013, representativa da diversidade de atores que atuam no bairro e no campo da cultura. A comissão foi composta por representantes da Fundação Municipal da Cultura, o Conselho Municipal da Cultura (COMUC), que é uma estrutura colegiada, consultiva e deliberativa constituída por metade dos membros eleitos da sociedade civil e metade dos membros designados pelo Poder Executivo municipal, mas também por representantes de instalações culturais, movimentos sociais, classe artística, lojistas, moradores de bairros, arquitetos e urbanistas, praticantes de esportes de rua e pessoas em situação de rua.

A comissão se reuniu por dois meses em apoio à equipe de arquitetos escolhidos pela prefeitura para o projeto de revitalização urbana da área. Seu conselho não se limitou a intervenções físicas, mas expandiu-se para uma série de iniciativas e inovações no corredor cultural, como a implementação de uma política de assistência às pessoas em situação de rua, falta de banheiros

e iluminação pública, a melhoria dos abrigos de ônibus, a revisão do decreto que regulamenta o uso da Praça da Estação, a extensão do horário de funcionamento do parque municipal, a definição de ações culturais por meio de um convite público à apresentação de propostas que permita a participação de todos, etc. Rafael Barros (em nome da COMUC) pontuava constantemente o debate com os três seguintes imperativos: o projeto deve partir da premissa de que existem várias maneiras de habitar a cidade e que todas elas devem ser levadas em consideração; o projeto deve levar em conta a necessidade de criar um espaço de empoderamento para que os cidadãos fortaleçam seu poder de agir; todos devem ser capazes de acompanhar a implementação do projeto.

No entanto, nem o projeto arquitetônico, nem as ações finalmente propostas do escritório de arquitetura atenderam às expectativas da comissão. A proposta arquitetônica foi de fato baseada em suposições consideradas exóticas (geometria sagrada, *Feng Shui*) e estéticas (trabalhos nas calçadas, decoração urbana). O projeto levantou preocupações sobre a possível gentrificação do bairro, agravada pela natureza confidencial dos estudos anteriores à operação urbana.

Uma das principais características dos recentes movimentos sociais populares no Brasil, dos quais a Praia é um bom exemplo, é sua forma de organização muito livre, unindo grupos heterogêneos, unidos por reivindicações igualmente diversas. Alguns desses movimentos têm como estratégia a ocupação de prédios vagos ou espaços públicos e são caracterizados por novas formas de luta. Quando o atual governo reconhece, de uma forma ou de outra, o poder dessas reivindicações, ele as integra à sua estrutura institucional. O fato de alguns líderes do movimento se tornarem membros do Conselho Municipal de Cultura, combinado com os esforços da Comissão de Acompanhamento do Corredor Cultural, criou a ilusão de que o sistema havia reconhecido a

legitimidade da luta. Mas, assim recuperado pela política municipal, o movimento de protesto original foi parcialmente esvaziado de seu caráter subversivo. Os temas de contestação da Praia da Estação foram assim sacados do debate público sem oposição frontal das autoridades municipais: a explicação se deve em grande parte ao fato de o movimento Praia ter sido utilizado como estratégia inicial da prefeitura: sistematizada e até ritualizada, a Praia se torna cada vez mais parecida com ações lúdicas que não criticam o projeto municipal de renovação pela cultura, apresentada como uma transformação negociada do bairro.

Em Wazemmes: valorização da cultura popular e predominância dos atores públicos

Em Wazemmes, a força do poder municipal reside no monopólio cultural exercido através da Maison Folie, que é um equipamento sob controle municipal. Mesmo que ela seja ouvida no bairro e nas associações, a equipe de gerenciamento continua sendo a única responsável pela programação do equipamento:

Todo o trabalho consiste em encontrar um equilíbrio entre escutar as demandas do bairro, dos habitantes e os projetos propostos localmente pelas associações e, ao mesmo tempo, ter projetos nacionais ou internacionais. É uma mistura sutil. A complexidade é administrar diferentes cronogramas. O ideal é trazer um artista regional e depois implantar ações em diferentes escalas. Outras Maisons Folie funcionam mais por temáticas. Mas o princípio é sempre provocar encontros entre disciplinas, entre públicos, entre amadores e profissionais (O. Sergent, diretor da Maison Folie de Wazemmes de Lille, em 11 de junho de 2007, *apud* GUILLON, 2011, p. 431).

Pode-se traçar um paralelo entre a Praça da Estação e Wazemmes, considerando as associações culturais criadas para cooperar com a política municipal, especialmente por ocasião

da organização de Lille 2004 Capital Europeia da Cultura e dos principais eventos organizados em Lille 3000, a estrutura criada pela prefeitura para perpetuar os impactos de Lille 2004. Entre essas associações está Attacafa, onde Vincent Guillon, em sua tese, mostra a total ambiguidade “entre oportunismo, restrição e resistência” (GUILLON, 2011, p. 483). Esta associação, criada em 1984, lança em 2001 o Festival da Sopa em reação ao anúncio do projeto de estabelecimento da Maison Folie no coração de Wazemmes, no marco da Capital Europeia da Cultura. Seu presidente explica que o evento de Lille 2004 drenou todos os projetos alternativos, incluindo iniciativas residenciais, impondo procedimentos altamente técnicos e complexos, fora do alcance do primeiro, destinados a controlar projetos culturais, distanciando os habitantes de seus espaços públicos. O Festival da Sopa foi criado originalmente para restabelecer essa ligação entre os habitantes de Wazemmes, seu bairro (o local do festival fica nas ruas e parques ao lado da Maison Folie de Wazemmes, perto do mercado) e suas culturas mistas (veja a apresentação do festival no site lalouchedor.com).

Desde o seu lançamento, o sucesso do evento continuou reunindo mais de 80 mil pessoas por ano no bairro de Wazemmes. Mas, se ganha popularidade, o evento perde em convívio, a associação obtém o efeito oposto ao pretendido. O município de Lille também está absorvendo cada vez mais sua comunicação externa, e várias cidades europeias estão aproveitando a experiência de Wazemmes para organizar seu próprio festival da sopa. Attacafa deixa de ter uma posição crítica à medida que se institucionaliza, levando ao enfraquecimento da dimensão contestadora e inovadora do projeto. (GUILLON, 2011, p. 485).

Os principais meios de recuperação da iniciativa cultural e de sua institucionalização se baseiam no subsídio público, o que nos leva a pensar se, em Wazemmes, a onipresença da prefeitura no

setor cultural não inibiria a iniciativa das associações locais no campo da cultura, conforme sugerido pelos autores da *Sociologia de Lille* (COLLECTIF DEGEYTER, 2017) ou por E. Da Lage, presidente da Associação Attacafa (GUILLON, 2011).

Quanto às ações de revitalização do centro de Wazemmes e particularmente da praça do mercado, hoje elas oferecem uma estrutura suficientemente atraente e tranquilizadora para garantir que todos se apropriem dos espaços de acordo com suas expectativas, excluindo ou limitando as passagens nos espaços menos populares. A multiplicação de atividades culturais, alinhada à requalificação dos espaços públicos e à renovação das moradias, são operações concretas que ilustram a transformação que é uma transição entre o passado e o presente. Mais amplamente, a vida social é, em geral, apreciada, embora alguns denunciem problemas e desvantagens (barulho, furtos, tráfico de drogas) ou experimentem decepções. Várias associações, no entanto, continuam atuando em favor da melhoria dos espaços do bairro, embora ressentidas com a falta de reconhecimento do Poder Público em determinadas ruas (como a rua Jules Guesde), quando outros setores focam a atenção.

Essa valorização do bairro no sentido de um patrimônio cultural do mundo do trabalho é hoje uma das características de sua gentrificação, principalmente em sua parte central. Em seu projeto de renovação urbana elaborado sob o PNRU (Programa Nacional de Renovação Urbana), a prefeitura de Lille reconhece que “o bairro de Wazemmes é um setor em que a pressão sobre os imóveis e os terrenos é exercida em detrimento das populações modestas” e exhibe uma estratégia de luta contra “o fenômeno da gentrificação e exclusão das populações modestas encontradas no norte do bairro” (LILLE..., 2007, p. 15).

O projeto de mistura social da cidade de Lille parece generoso, mas ainda existe o risco de violência social no processo de apropriação de formas culturais populares. A mistura, em espaços

residenciais ou em espaços públicos, não é necessariamente a garantia de direitos iguais à cidade para todos os habitantes da cidade e pode, pelo contrário, “levar, de maneira contornada, à imposição de normas, valores, costumes e práticas, de certos grupos (dominantes) sobre outros (dominados)” (LEHMAN-FRISCH, 2009, p. 112). A apropriação dos valores de uso originalmente destinados às famílias da classe trabalhadora por uma população bastante jovem e com boa educação que trabalha em setores criativos é ainda mais violenta porque, na forma bem-sucedida de gentrificação, os recém-chegados também se apropriam do espaço público, ruas, calçadas, cafés e empresas nos bairros onde vivem. Cria, de fato, um convívio urbano que nunca poderá ser apropriado pelos trabalhadores que partiram para os bairros periféricos. Esse imperialismo urbano anda de mãos dadas, paradoxalmente, com uma demonstração do desejo de promover a mistura social (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2014).

Esse processo de dominação não ocorre sem problemas ou sem conflitos.

A mistura social, conforme pensado pelas autoridades públicas e por alguns gentrificadores, é uma fonte da competição em que grupos sociais estão envolvidos no acesso a recursos urbanos nos bairros em gentrificação. A luta é desigual, mas alguns gentrificados conseguem se opor a uma certa resistência. Às vezes, essa resistência é expressa em lutas e mobilizações coletivas, que podem variar muito em sua forma, conteúdo e até em seu grau de contradição interna. Embora raramente constitua uma primeira demanda, críticas à mistura social geralmente aparecem no fundo dessas várias formas de mobilização (GIROUD, 2015).

É o que vemos na Praça da Estação em Belo Horizonte, onde a implementação de políticas públicas levou a formas de protesto. Porém, as autoridades municipais apresentaram propostas para

intensificar os usos do local, principalmente aqueles relacionados a uma apropriação cultural mais diversa, por meio do apoio a eventos culturais e esportes de rua. Quanto a Wazemmes, a ação cultural da cidade de Lille pode ser interpretada como a reciclagem do que se refere às chamadas culturas populares. O Festival da Sopa ou o Festival do Acordeão são exemplos. Nesta perspectiva, “mistura” seria pensado como uma combinação de atividades culturais convencionais e uma cultura popular revisitada. Mas, na realidade, hoje observamos que o processo participativo que essa orientação exige enfraqueceu, ou que não obteve sucesso ou que, no fundo, não é mais um objetivo prioritário, porque segue no caminho da gentrificação:

O uso da proximidade e da participação na retórica dos gestores municipais no momento da criação da Maison Folie provocou um influxo de demandas extremamente variadas e, às vezes, relacionadas à esfera privada (casamentos, aniversários, feriados religiosos, etc.). A recusa quase sistemática desse tipo de solicitação gerou muitas frustrações que levaram, em troca, à rejeição da Maison Folie em certos bairros. O slogan “lugar aberto ao bairro e a população” gerou muita expectativa por parte dos habitantes, mas contradiz a política dos diretores da Maison Folie em manter um forte posicionamento artístico (GUILLON, 2011, p. 435).

Conclusão

As políticas culturais aqui abordadas parecem estar alinhadas com a mistura social, mas o efeito anunciado não é necessariamente o efeito real: a mistura social pode ser anunciada, desejada, mas também leva à gentrificação (e às vezes é o efeito procurado, embora não reconhecido). Este uso do conceito de mistura pela política: em que medida é sincero? Quando as

autoridades públicas falam abertamente sobre gentrificação – consulte o documento PNRU (LILLE..., 2007) –, elas a usam de maneira negativa para denunciá-la. Mas a outra informação nesse documento é que elas também nos dizem que estão cientes disso. Contudo, nos discursos políticos dominantes, isso não é mencionado: a gentrificação é parte integrante do projeto? É esta a finalidade do projeto? Por que não é assumida neste caso?

Podemos questionar o futuro de nossas duas praças e seus bairros. De fato, projetos culturais construídos com o objetivo de criar ou reforçar a mistura social no bairro e em seus espaços de sociabilidade e consumo, se resultam em uma mistura residencial, acabam também resultando em gentrificação, o que equivale a uma ausência de mistura, a mistura social seria então uma etapa em direção à gentrificação permanente.

A mistura social se revela como um projeto político. Atenção! Esta é uma visão cínica. A mistura social pode ser enriquecedora para todos? Isso sustenta o discurso sobre diversidade social como uma característica da democracia local.

Em BH, a antiga gestão municipal – diferentemente de Lille – conduzia uma forma de higienização local (para limitar a ação popular e a existência de grupos considerados “inadequados” na praça). A atual gestão da prefeitura parece mais neutra neste ponto, mas não ajudou a transformar em ações concretas os debates, limitados a ações específicas relacionadas ao calendário oficial.

O que percebemos na Praça da Estação é que, mesmo após sua revitalização, a população ainda a considera um local de passagem. A grande esplanada em frente ao Museu de Artes e Ofícios, onde ficava o estacionamento, é ocupada pelas manifestações culturais e políticas de vários grupos sociais, sem qualquer integração entre eles. Não há uso comum do espaço, apenas quando há eventos específicos. Vários fatores limitam o uso do espaço, como falta de sombra e insegurança. Ainda há pedestres com uso restrito da praça, seu uso é limitado ao embarque e desembarque

de transporte público. No entanto, a localização e espacialidade da Praça da Estação dão-lhe certo ar de rebeldia, porque suas características urbanas são mais propícias a movimentos de protesto social, que, com seu significado histórico e patrimônio cultural estabelecido, contêm elementos para apropriação coletiva, exercem seu potencial educacional, a transmissão de ideais, inclusive as revolucionárias.

Em Wazemmes, a prefeitura tem uma preocupação importante, que é estimular a diversidade social por meio de sua política cultural. Apesar da existência de políticas públicas nesse sentido, resta uma pergunta: essas políticas realmente transformam o cotidiano da população no sentido de uma mistura mais social? E elas acabam limitando as iniciativas populares?

Nos dois casos (BH e Lille), de fato, parece que existem diferentes momentos de convivência de diferentes classes sociais, mas não há uma mistura real, apesar do grande potencial de ambos os lugares em relação à urbanidade.

Com a erosão dos governos de esquerda no Brasil por questões relacionadas à corrupção, as eleições de 2018 levaram ao poder grupos políticos sem tradição de governo representada por empresários de extrema-direita e neoliberais com discursos de eficácia da gestão. Assim, no governo federal assumiu a presidência do país o ex-militar Jair Bolsonaro e o empresário Romeu Zema no governo de Minas Gerais. No governo federal, duas medidas relacionadas ao nosso tópico se destacam. A primeira, seguindo uma política de repressão ao ativismo político e a supressão de práticas democráticas de representação direta, houve a tentativa de extinção dos conselhos de participação civil nas representações federais. O segundo foi minar as políticas culturais (extinção do Ministério da Cultura), limitando os recursos destinados pelas empresas ao patrocínio por meio da lei federal sobre a promoção da cultura. Essa limitação enfraquece, por exemplo, a preservação da grande maioria dos museus e centros

culturais do país, que são altamente dependentes de recursos privados, dada a notória falta de um orçamento federal para o setor.

Por sua vez, o novo governo do estado, muito favorável a teses e ações federais, extinguiu a Secretaria de Cultura, atrelando-a ao Turismo, e reduziu os recursos do setor. Há uma preocupação de que iniciativas federais, como nos estados, afetem os municípios. O perfil de novos líderes, contrário às práticas democráticas e ao progresso social, dificultará o apoio a políticas públicas de mistura social, o que afetará fortemente o território da Praça da Estação. Como indicador, podemos citar os centros culturais existentes que dependem de recursos privados para sua manutenção e a ameaça aos conselhos de gestão da política cultural, em que atores de diferentes categorias discutem as práticas progressistas necessárias para a região.

Em Lille, as eleições municipais serão realizadas na primavera de 2020; o resultado é incerto, mas sem dúvida ocorrerão mudanças na política cultural municipal.

Referências

AUBRY, M. La confession vérité d'Aubry. Dix ans déjà que Martine Aubry règne sur la métropole du Nord. Bilan. [Entrevista de Michel Revol]. *Le Point*, 12 mai 2011. Disponível em: https://www.lepoint.fr/villes/la-confession-verite-d-aubry-12-05-2011-1330382_27.php. Acesso em: 18 jul. 2020.

BONNY, Y.; BAUTÈS, N.; GOUËSET, V. (dir.). *L'espace en partage: approche interdisciplinaire de la dimension spatiale des rapports sociaux*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2017. (Collection géographie sociale).

BOSREDON, P. La patrimonialisation de la vieille ville d'Alep entre stratégies de développement local et pratiques ordinaires. In: BOISSIERE, T.; DAVID, J. C. (dir.). *Alep et ses territoires*. Fabrique et politique d'une ville (1868-2011). Beyrouth, Damas: Presses de l'Ifpo, 2014.

BOSREDON, P.; DUMAS, J. Régulations et contestation du droit: la production des espaces urbains en question. *Géocarrefour*, v. 88, n. 3, p. 227-237, 2013.

BOSREDON, P. *et al.* (dir.). *Richesses en partage au Brésil et en France: approches socio-spatiales croisées dans le Minas Gerais et le Nord-Pas de Calais*. Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2020.

BOSREDON, P.; GRAVEREAU, S.; GRÉGORIS, M.-T. Des équipements culturels à la production des quartiers dans la métropole lilloise. *In: LIE-FOOGHE, C.; MONS, D.; PARIS, D. (ed.). Lille, métropole créative? Nouveaux liens, nouveaux lieux, nouveaux territoires*. Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2016. cap. 10, p. 277-315.

BOSREDON, P.; GRÉGORIS, M.-T. Friches culturelles et territoires urbains à Lille: des micro-expériences de lieux à la fabrique d'une nouvelle urbanité. *In: COLLOQUE INTERNATIONAL PLURIDISCIPLINAIRE: DE LA FRICHE INDUSTRIELLE AU LIEU CULTUREL*, Atelier 231 – Centre National des Arts de la Rue, Sotteville-lès-Rouen, 14 juin 2012. *Anais [...]*. Rouen: Equipe La Friche, UMR CNRS IDEES, 2012. p. 201-209. Disponible em: <http://www.scienceaction.asso.fr/userfiles/livretColloqueLafrichesept2012.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BOSREDON, P.; PERRIN, T. Lille 2004: Effects and Legacy. *In: SCHNEIDER, W.; JACOBSEN, K. (ed.). Transforming Cities Paradigms and Potentials of Urban Development Within the "European Capital of Culture"*. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 2019. p. 165-176.

BRIZON, P.; POISSON, E. La coopération. *In: ENCYCLOPEDIE socialiste syndicale et coopérative de l'Internationale ouvrière*. Paris: Éd. Quillet, 1913.

CHAMBOREDON, J. C.; LEMAIRE, M. Proximité spatiale et distance sociale. Les grands ensembles et leur peuplement. *Revue Française de Sociologie*, v. 11, n. 1, p. 3-33, 1970.

CLERVAL, A.; FLEURY, A. Politiques urbaines et gentrification, une analyse critique à partir du cas de Paris. *L'Espace Politique* [Online], v. 8, 2009. Disponible em: <http://journals.openedition.org/espacepolitique/1314>. Acesso em: 18 jul. 2020.

COLLECTIF DEGEYTER. *Sociologie de Lille*. Paris: La Découverte, 2017.

DESAGE, F.; MOREL JOURNAL. C.; SALA PALA, V. (dir.). *Le peuplement comme politiques*. Rennes, França: PUR, 2011.

DEVROE, K. La réinsertion de la faculté de droit dans un quartier péricentral de Lille: Moulins. *Hommes et Terres du Nord*, p. 49-54, 2000.

ETHUIN, N.; NONJON, M. Quartiers de campagne. Ethnographie des réunions publiques de la liste Martine Aubry à Lille. *In: LAGROYE, J.;*

LEHINGUE, P.; SAWICKI, F. (dir.). *Mobilisations électorales: le cas des élections municipales de 2001*. Paris: PUF, 2005. p. 171-191.

FLEURY, A.; GOUTAILLER, L. Lieux de culture et gentrification. Le cas de la Maison des métaux à Paris. *Espaces et Sociétés*, n. 158, p. 151-167, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-espaces-et-societes-2014-3-page-151.htm>. Acesso em: 18 jul. 2020.

GIROUD, M. Mixité, contrôle social et gentrification. *La Vie des idées*, 3 nov. 2015. Disponível em: <http://www.laviedesidees.fr/Mixite-controle-social-et-gentrification.html>. Acesso em: 18 jul. 2020.

GUILLON, V. *Mondes de coopération et gouvernance culturelle dans les villes: une comparaison des recompositions de l'action publique culturelle à Lille, Lyon, Saint Etienne et Montréal*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Université de Grenoble, Grenoble, França, 2011.

GUIMARÃES, B. M. *Cafuas, barracos e barracões: Belo Horizonte, cidade planejada*. 1991. 321 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

HARVEY, D. *Géographie de la domination*. Paris: Les prairies ordinaires, 2008.

HARVEY, D. *Villes rebelles*. Paris: Buchet-Chastel, 2015.

LAUNAY, L. De Paris à Londres: le défi de la mixité sociale par les “acteurs clés”. *Espaces et sociétés*, Paris, n. 140-141, p. 111-126, 2010.

LAUNAY, L. *Les politiques de mixité par l'habitat à l'épreuve des rapports résidentiels*. Quartiers populaires et beaux quartiers à Paris et à Londres. Tese (Doutorado em Sociologia) – Université Paris Ouest, Paris, 2011.

LEHMAN-FRISCH, S. La ségrégation: une injustice spatiale? Questions de recherche. *Annales de géographie*, v. 1, n. 665-666, p. 94-115, 2009.

LÉVY, J. *Théorie de la justice spatiale*. Géographies du juste et de l'injuste. Paris Odile Jacob: 2018.

LILLE grand projet urbain. Projet de rénovation urbaine Ville de Lille – Quartiers dégradés, dossier préparé au titre du Programme National pour la Rénovation Urbaine (PNRU), déc. 2007.

LUSSAULT, M. *De la lutte des classes à la lutte des places*. Paris: Grasset, 2009. (Mondes vécus).

MERLE, A. De l'inclassable à “l'espèce d'espace” : l'intermédiation et ses enjeux en géographie. *L'Information Géographique*, v. 75, n. 2, p. 88-98, 2011.

PINÇON, M.; PINÇON-CHARLOT, M. *La violence des riches*. Paris: La Découverte, 2014

RODRIGUES, L. Movimentos de ocupação do espaço público fizeram ressurgir blocos de rua de BH. *Agência Brasil*, 11 fev. 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-02/movimentos-de-ocupacao-do-espaco-publico-fizeram-ressurgir-blocos-de-rua-de>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SERGEANT, O. Réflexion sur cinq années de pratiques. In: SEMINAIRE NOUVEAUX LIEUX CULTURELS EN EUROPE. Lomme, 6 oct. 2010. *Transcriptions* [...]. Lyon, France: Banlieues d'Europe, 2010. p. 17-22.

SMITH, N. Toward a Theory of Gentrification: a Back to the City Movement by Capital Not People. *Journal of the American Planning Association*, n. 45, p. 538-548, 1979.

TREVISAN, E. Intervenções urbanas, usos e ocupações de espaços na região central de Belo Horizonte. *Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 359-377, 2012.

VAN CRIEKINGEN, M. Réurbanisation ou gentrification? Parcours d'entrée dans la vie adulte et changements urbains à Bruxelles. *Espaces et Sociétés*, v.3, n. 134, p. 149-166, 2008.

WENZ-DUMAS, F. Pierre Mauroy. Gros Quinquin. *Libération*, 17 févr. 1998. Disponível em: https://www.liberation.fr/france/1998/02/17/pierre-mauroy-gros-quinquin_227497. Acesso em: 18 jul. 2020.